

RENATA WOLFF



O PALCO  
TÃO TEMIDO







# O PALCO TÃO TEMIDO

RENATA WOLFF



Porto Alegre



São Paulo • 2023







“MINHA ÚNICA  
AMBICÃO  
É CHEGAR A  
ESCREVER UM DIA  
MAIS OU MENOS  
BEM, MAIS OU  
MENOS MAL,  
MAS COMO UMA  
MULHER.”

— Victoria Ocampo —

*Para Augusta*

# SUMÁRIO

11	PRÓLOGO
13	1. Burburinho
25	2. Bastidores
35	3. Cortina
59	4. Camarim, primeira chamada
77	5. Jogo de cena
107	6. Alçapão
131	7. Ribalta
151	8. Camarim, segunda chamada
163	9. Saída falsa
187	10. Entreato
213	11. Ex-machina
241	12. Êxodo
261	13. Deixa
281	14. Camarim, última chamada
291	15. Palco aberto
305	16. Estreia
313	EPÍLOGO
315	NOTAS

# PRÓLOGO

26 de setembro de 1976

O entrevistador toma fôlego.

— Bem, vamos à sua obra — ele começa, os olhos nas anotações ao colo. — Vamos falar de *Um sonho realizado*, que aparece em 1951 e é um de seus contos mais celebrados, assim como *Os adeuses*, novela curta, *Para uma tumba sem nome*, *A face da desgraça*, *Jacob e o outro*, *O estaleiro* e *O inferno tão temido*, que penso eu que seja um título especialmente caro — ele ergue ao entrevistado o rosto cortês e lança-lhe um gesto de incentivo — a Juan Carlos Onetti.

— Não só o título como o conto — Onetti confirma. A voz grave de tabaco, mais para dentro da garganta do que para fora, ganha a ênfase sutil de um abaixar do queixo e um sorriso ligeiro.

— Não só o título como o conto. Tanto que eu quase me atreveria a pedir que o senhor nos relate a origem desse conto que é tão especialmente... da sua predileção.

— Sim. Não, a origem desse conto é simplesmente que me contaram a história. E a história existia.

Os olhos de cão bassê transitam entre vivazes e esquivos. As hastes dos óculos se perdem nos cabelos que restam, em lugar de descansarem nas orelhas. A imagem em preto e branco lhe assenta; Onetti parece existir em preto e branco.



— Era um casal de jovens que trabalhavam em uma rádio e se haviam feito essa jura de amor de que nada, nada poderia interferir, fosse lá o que acontecesse.

Onetti estende as pausas, reforça algumas palavras, outras pouco superam um balbucio. O entrevistador não interfere: permite os silêncios, os desvios e o arrastar das frases, como a uma anedota de bar entorpecida de uísque e madrugada.

— Bem, quando ela violou o juramento de amor, o indivíduo rompeu com ela. E então, por despeito, e isso aconteceu — ressalta, com um gesto e um erguer das sobrancelhas —, ela começou a mandar-lhe cartas com fotografias. Dela. E fotos obscenas, todas. Para martirizá-lo.

Ele pega da mesa um copo d'água e segura-o sem beber.

— Eu lembro que tentei... Me pus a escrever a história e notei que fracassava, fracassava, fracassava. Até que, um dia, uma alemã, que pode estar por aí escutando, me disse: e por que não escreves como uma história de amor? — O olhar esvai-se em uma procura distante e volta a fixar-se. — Porque, se ela segue mandando as fotos, é porque segue apaixonada por ele. Ainda que queira destruí-lo. — Ele levanta um ombro. — Caso contrário, esqueceria totalmente.

— Claro, se não se interessasse...

— Claro.

Onetti afinal bebe do copo, lentamente, e devolve-o à mesa. Busca o cinzeiro e diz:

— E então foi assim, escrito como uma novela de amor. Agora, os fatos são todos...

— Verídicos — sugere o entrevistador.

— Verdadeiros — Onetti conclui, decisivo, trazendo para si o cigarro.

# Burburinho

*26 de setembro de 1976*

O hotel La Riviera acolhia a noite madrilenha de domingo. Hóspedes tratavam com o concierge, um casal de idade tomava o elevador, o mensageiro impulsionava um carrinho de malas adornadas de monogramas em prata. Em algum canto se fumava um charuto particularmente amadeirado. Um grupo em inícios de festejo ergueu-se dos assentos na sala contígua e deixou-a, atravessando o saguão entre risos discretos, atacados pelo latido avulso do lulu-da-pomerânia no colo da moça de echarpe violeta ao balcão. Próximos do cãozinho e de sua dona, dois homens — um alto e um de bigode —, que esperavam seus recados, voltaram-se para a vista agora livre da sala anexa, em busca da certeza de que os cochichos eram verdadeiros: estava presente no hotel uma atriz de cinema, argentina como eles.

— Parece tão miúda — duvidou o de bigode.

Sentada, de costas, a mulher assistia a uma entrevista monótona no aparelho de televisão. Usava um coque sem disciplina. Apoiava o cotovelo no braço da poltrona bergère e segurava um cigarro, a manga da blusa azul com bordado marrom escorregando do pulso fino.

O homem de bigode esperou a moça da echarpe terminar de dizer à recepcionista algo em francês. Ela agradeceu e saiu,

e o sorriso que ele oferecia foi notado somente pelo olhar ar-redio do cãozinho. Ele confidenciou ao amigo:

— Que culo.

— Prefiro nossas compatriotas — disse o outro, mais alto e delgado, ainda atento à mulher da outra sala. — Estrelas de cinema.

— Estrela não sei. Engraçada é.

— Não preciso que interprete Molière e segure os tornozelos ao mesmo tempo.

O cavalheiro loiro que, ali perto, usava o telefone da recepção ergueu o olhar, encarou-os rapidamente e virou-se. Seguiu falando ao bocal, a outra mão dedilhando o mármore. Assim como eles, tinha sotaque portenho. O homem de bigode recebeu um envelope e duas mensagens e abaixou a voz.

— Pode estar em filmagem.

— Ou tendo um caso. Dizem que é amante de López Rega.

— Dizem que é amante de todo mundo...

— Mais razão para tentar.

O homem alto ajeitou o cabelo e a gravata e tomou o rumo da sala de televisão. O de bigode objetou que as acompanhantes os esperavam para jantar, mas seguiu-o. Antes que transpusessem as portas em arco guardadas por folhagens, o mais afoito deteve-se. Deu meia-volta, tomou o braço do amigo e conduziu-o na direção oposta, avisando que o loiro do telefone fora mais ligeiro, cortara-lhes o caminho e agora sentava-se ao lado da mulher.

— Está com ela — riu.

— La puta madre.

Seguiram aos elevadores. A seta em bronze descrevia em meia-lua a descida dos andares. O mais alto deu um passo atrás e vislumbrou a atriz. Ela parecia não fazer caso da conversa do namorado. Soprava fumaça de cigarro em uma quase espiral.



Por acaso, ela moveu o rosto e deixou-se ver de perfil, os olhos baixos, a boca amargando um dissabor. Massageava a testa com a ponta dos dedos. Era bela, mesmo o nariz. A campainha anunciou a chegada ao térreo, as portas lustrosas apartaram-se e mostraram o ascensorista uniformizado em vermelho.

— Graciela Jarcón — o mais alto murmurou devagar enquanto entravam e o amigo pedia o andar do restaurante. Ainda tentou colocar a cabeça para fora, espiar um último gesto, como em despedida. Não conseguiu. — Dama da comédia argentina.

*18 de janeiro de 1977*

Os passos de Teodoro, assistente de direção, ecoavam no átrio do Teatro Nacional Cervantes, acidentais e lentos sobre o piso encarnado, marcando a longa espera por Graciela Jarcón, que, contra os prognósticos mais realistas, estava em vias de chegar para juntar-se tardiamente aos ensaios daquela montagem de *Macbeth*. Teodoro esfregou o cabelo, olhou o relógio de pulso e o teto, com as vigas atravessadas e o cintilante lustre baixo. Aproximou-se de uma das colunas acobreadas junto à sequência de portas estreitas, tocou os desenhos. Através do vidro martelado de uma porta, enxergou um vulto, que a abriu num repente e deu passagem a uma mulher de vestido acinturado e óculos escuros. Teodoro ficou parado enquanto a atriz tirava os óculos e vinha ter com ele, seguida do homem. Graciela sorria largo, os olhos delineados.

— Está se sentindo bem?

— Sou... Teodoro. Teo... um dos assistentes.

Ela ofereceu um mucho gusto tranquilizador. Cumprimen-tou-o com beijos às faces. Apresentou-o a Rafael, o marido, e os dois apertaram as mãos. Teodoro apontou as escadas sem atinar para o que indicava. Ela deduziu, cordial:

— O ensaio?

— Sim. No... salão dourado.

Graciela tomou a frente; Teodoro alcançou-a nos degraus. Rafael, atrás, explicava o atraso. O assistente pouco escutava, quase estonteado, seu olhar refém do olhar da atriz, até que ela riu.